

## A LÍNGUA E A CULTURA: UM EIXO DA INTERCULTURALIDADE NO ENSINO DE FLE

Zoraia Ribeiro dos Santos<sup>1</sup>

**RESUMO:** Esse artigo aborda, de forma introdutória e conceitual, a problemática de formação e desenvolvimento da relação entre língua e cultura na perspectiva da interculturalidade, e toma como ponto de partida o conteúdo sociocultural, com relevo no aspecto da alteridade. O campo de análise se dá a partir do enfoque da mobilização do aprendiz no processo de descobrimento de si mesmo e do outro pelos desafios que devem ser enfrentados, e traz como um dos elementos, a literatura. Nessa perspectiva, o objetivo é analisar a importância da abordagem intercultural no ensino de Francês Língua Estrangeira - FLE, no que se refere à aprendizagem de uma língua alvo, a partir dos referenciais de origem: a língua e a cultura. Sua implicação reside em dois pontos: na existência da diversidade cultural, tendo em vista a globalização, e na meta de sua compreensão por seus aprendizes, de um agir reflexivo e de uma comunicação intercultural; no desenvolvimento da alteridade, o que permite a eficácia na relação entre os aprendizes no âmbito desta empreitada. Para tanto, fundamenta-se na abordagem da teoria comunicativa, o que permite analisar os estudos interculturais - aporte dos conceitos, bem como dimensionar a noção sobre o componente cultural no ensino-aprendizagem.

**Palavras-chave:** Língua. Cultura. Interculturalidade. Alteridade.

**Abstract:** This article aims to approach in an introductory and conceptual way, the problem of the formation and development of the relationship between language and culture in an intercultural perspective, and takes as its starting point the sociocultural content, focusing on aspects of otherness. The field analysis starts from the approach of mobilizing the learner to discover himself and the other one by the challenges that must be faced, the literature. In this perspective, the objective is to analyze the importance of the intercultural approach in the teaching of French as a Foreign Language - FLE, regarding learning the target language from the source reference: language and culture. His involvement lies in two points: the existence of cultural diversity, with a view of globalization, and understanding by his apprentices, two elements: an active thinking and intercultural communication; in the development of otherness, which enables efficiency in the relationship among apprentices for this company. For this, the approach is based on the theory of communication, which allows analyzing the cross-cultural studies - the contribution of concepts, as that size the cultural component in the teaching-learning process.

**Keywords:** Language. Culture. Interculturalism. Otherness.

---

<sup>1</sup> Mestrado em Filosofia (Linha de Ética e Política – em andamento - PUCPR); Professora de Francês, no Núcleo de Línguas da Pontifícia Universidade Católica do Paraná;

## INTRODUÇÃO

Indivíduos originários de diversas culturas encontram-se hoje, praticamente nos mesmos espaços. A rapidez com que a comunicação midiática, promovida pela globalização, aproxima os países entre si, promove avanços, como o tecnológico, que motivaram o necessário fortalecimento do reconhecimento da alteridade. Trata-se de um viés inevitável, a alteridade, para o entendimento acerca de um mundo plural em que há trocas de experiências envolvidas na circulação de ideias; na estruturação e na construção de conhecimentos de linguagens, de identidades; nas formas de ser e de existir, na educação, na socialização; na circulação de bens e produtos, dentre outros.

Assim, defende-se o intercultural, a interação do homem na sua diversidade e complexidade, como orientação da prática da língua estrangeira. Isso permite afirmar que a preparação intelectual dos alunos, enquanto cidadãos, os possibilite a uma adequação salutar face às mudanças sociais. É a implicação do argumento de que a literariedade, aquilo que pertence à literatura ou lhe é característico, é um fator de importância como mecanismo de intersecção e ampliação das relações entre os envolvidos no processo de aprendizagem.

Essa afirmativa considera como elemento precípua o conteúdo sociocultural presente em determinados componentes como parte da construção do ensino da língua, a saber, a cultura e a literatura.

Trabalhar esses componentes na prática do ensino certamente demanda, na especificidade, o entendimento acerca do que seja o processo de interculturalidade, especialmente concernente ao empenho de um professor de FLE, ao mostrar a interação entre a cultura materna e a francesa.

O desafio pertence ao docente de língua estrangeira, pois na verdade ele é um interculturalista, um facilitador e mediador da interculturalidade no processo de ensino. O seu perfil é o de um docente de língua estrangeira e materna, o que lhe autoriza a realizar práticas de interação sociocultural (SERRANI, 2005, p. 15). Nesse sentido, ele assume uma postura de mediador no âmbito do percurso em que se dão os conflitos identitários em face da linguagem. Esses aspectos representam problemáticas que devem ser enfrentadas no âmbito da relação entre cultura e língua. Perspectiva que leva ao objetivo de analisar a importância da abordagem intercultural no ensino de Francês Língua Estrangeira - FLE, no que se refere à

aprendizagem de uma língua alvo, a partir dos referenciais de origem, especialmente encontrados na literatura.

Para tanto, ressalta-se: há a necessidade de recursos que possam resultar em consequências compatíveis com o objetivo que é, além de aprender a língua, se localizar no universo por ela propiciado do ponto de vista da cultura por ela trazida. Ou seja, a língua não é dada de forma dissociada daquilo que a constituiu, e deve, por conseguinte, fluir para uma diretriz que não exclua o aprendiz do campo de suas complementariedades: a cultura.

Nisso está envolvido o conflito cultural, que não se limita ao trabalho da língua propriamente dita, mas, sobretudo, da quebra das barreiras existentes em face da cultura de cada língua, impressa, notoriamente, no mundo próprio que a constitui. A comunicação, então, envolve, portanto, o aspecto da alteridade como componente do processo cultural no ensino-aprendizagem.

Dito assim, a proposta é analisar, de modo introdutório e conceitual a relação entre cultura e língua, bem como a importância da literatura nesse contexto, tendo como alvo a valorização do outro a partir da compreensão e do reconhecimento da alteridade.

No primeiro momento dá-se tratamento à importância da literatura no processo de desenvolvimento das relações interculturais, ressaltando o conceito de interculturalidade o que, por conseguinte, dará ensejo na questão da alteridade, envolvida na relação entre língua e cultura.

Assim, ao considerar as inúmeras dificuldades encontradas nos processos de interculturalidade, dá-se ênfase a uma questão, isso quer dizer, o aluno deve reconhecer no texto literário elementos de aprendizagem da língua e da cultura estrangeiras. Contudo, o desafio é identificar o percurso como isso pode ser realizado, tendo em vista a relação intercultural, especialmente no atual estado de globalização. Afinal, importa saber como um processo de interculturalidade pode trazer resultados diante das relações heterogêneas quando, na verdade, o que está em jogo é, justamente, a compreensão da importância do outro: a alteridade.

## **1. O CONTEXTO DA INTERCULTURALIDADE: A LITERARIEDADE**

A interculturalidade<sup>2</sup>, como conceito, surge na França em meados dos anos 70 (setenta). Diz respeito ao propósito de desenvolver um processo inclusivo em face da educação. Saliente-se ***Quelle école pour quelle intégration?*** Paris: Hachette, 1995, que a referência feita à inclusão trata, mais especificamente, a dos filhos de imigrantes. O que sugere a realização da troca entre as culturas tendo em vista o aspecto da diversidade.

Não obstante as dificuldades, o objetivo da inter-relação é estabelecer o enriquecimento mútuo – perspectiva associada ao reconhecimento da interdependência entre os aprendizes. Ou seja, o aprendiz tem a consciência de que está inserido em uma relação entre diferentes.

O viés da interculturalidade, que chama atenção, na especificidade da presente abordagem, para o ensino aprendizagem do FLE, aponta para uma maneira de desenvolvimento do trabalho textual, gramatical, ou seja, da literariedade, que considera, justamente, a interculturalidade.

De modo geral, trabalhar com textos literários nas aulas de Francês (FLE) é uma tarefa realizada de forma fragmentada, por via de excertos de textos. Ocorre que os manuais consultados pelos professores sempre estão restritos às questões léxicas ou de sintaxe – o que restringe o ensino e desconsidera os contextos originários dessas fontes.

Nesse sentido, a obra de Michel Tournier (*La goutte d'Or*)<sup>3</sup> aponta a relação entre literariedade e interculturalidade. Seus textos chamam atenção para o fato de que a literatura encontra-se no eixo da interculturalidade mediado por aspectos, tais como identitários, sociológico, histórico, econômico, cultural, moral, ético e outros. Assim uma das riquezas da literatura reside buscar colocar as realidades em discussão, analisá-las, a saber, contextualizá-las. Na verdade, isso diz respeito a contextos sociais, pois se trata da tradução do funcionamento elementar em um processo de representação de uma sociedade, de sua realidade, de modo a superar, dentre outros, a propagação de estereótipos, opiniões acerca de uma realidade.

---

<sup>2</sup> Para Martine Abdallah-Preitcelle (1995, p. 36-37) ***Quelle école pour quelle intégration ?*** Paris: Hachette, 1995 o conceito de “intercultural” traz a ideia de uma “contribuição susceptível de beneficiar a compreensão dos problemas sociais e educativos em ligação com a diversidade cultural”. Já o conceito de multiculturalismo, apesar de reconhecer a pluralidade de grupos, não apresenta um objetivo voltado para a educação.

<sup>3</sup> Na obra “*La Goutte d'Or*,” Tournier apresenta uma reflexão sobre duas culturas distintas: a francesa e a magrebina, o intercultural surge no contexto dessa obra como uma forma de tentar aproximar culturas, o que evita a sobreposição de uma pela outra. Michel Tournier, ***La goutte d'or***: Galimard, 1986.

Nesse sentido, a literatura está diretamente relacionada ao sujeito/aprendiz como expressão de sua própria subjetividade.

Ao se considerar a relação entre língua e cultura, tendo a literatura no âmbito do FLE (Francês Língua Estrangeira) como variável relevante, traz-se a reflexão de Barthes (1968, p. 3) para quem, “existe a necessidade de considerar que a relação entre língua e literatura é indissociável”. Essa perspectiva permite afirmar que o texto literário representa um grande papel na discussão do ensino/aprendizagem de uma língua estrangeira, pois aborda um contexto real. Então, a literatura, entendida como meio de acesso à cultura, permitiria vivenciar essa cultura, desde que trabalhada de forma não fragmentada, o que, evidentemente, revela não menos importante os aspectos linguísticos e, sobretudo, sociais (MARIZ, 2007, p. 76). De tal modo, a literatura como produção de aspectos sociais pode ser vista como a marca particular de um lugar, mesmo com características distintas. Trata-se dos diversos registros, do clássico de uma cultura à fontes midiáticas como revistas, jornais, artigos; que a literatura traz, e com isso consegue se tornar a marca “peculiar” de uma determinada sociedade.

Assim sendo, a literatura como recurso ou veículo de conhecimento, se põe, para o aluno, como suporte para o alcance de uma determinada visibilidade acerca do *modus* como se desenvolve tudo que permeia uma sociedade determinada. Dispor da literatura com o objetivo de introduzir o educando da LE é um dos requisitos mais importantes para o que reivindica o conteúdo intercultural, qual seja, a valorização da identidade cultural do aprendiz. Essa identidade é compreendida como algo em constante movimento, pois se encontra dentro da conjuntura de uma pluralidade de culturas, línguas e informações (ROCHEBOIS, 2007, p. 47-55).

A literatura implica em uma forma de recurso para o ensino, no sentido de apresentar outro mundo, pois a gramática, no sentido da sintaxe, não oferece os meios para uma compreensão semântica da realidade. Na linha da interculturalidade, a interação entre pessoas de culturas diferentes é resultante do entendimento das percepções, emoções, sentimentos, atitudes nessas culturas específicas.

Assim, no âmbito da interculturalidade, a literatura apresenta-se no modo singular da comunicação, que instrui e amplia o universo do próprio interesse por conhecer mais. Esse instrumento tem a grande característica de agregar, no cotidiano, os aprendizes na sala de aula.

## 2. ALTERIDADE E INTERCULTURALIDADE

Ao se falar no ensino-aprendizagem do Francês enquanto língua estrangeira (FLE), não se deve deixar de mencionar que essa língua está diretamente relacionada a uma cultura de expressão francesa.

A emergência, pois, do diálogo intercultural, então, tem o lema de combater o monologismo – o sujeito monológico – típico de uma situação intracultural, pois a diversidade não pode ser entendida como um entrave, mas como um meio de solução no processo de abertura e ampliação do conhecimento. Em tese, a diversidade não deve ser vista como um problema, mas como um desafio ou meio de enriquecimento das culturas presentes (LEITE, 1996, 64).

Conforme aponta Mariz (2007, p. 76), “as particularidades de um lugar podem transformar a sua aparente dificuldade em possibilidades para que alunos e professores descubram-se a si mesmos, diante do conhecimento do outro, nascendo uma significativa experiência de alteridade”.

Certamente, a interação deve se dar em face da relação aluno/professor, mas, sobretudo, na capacidade deste em promover o intercâmbio entre as duas identidades culturais. Essa perspectiva envolve, justamente, uma relação entre diferentes indivíduos situados em uma sociedade plural, e é isso que justifica a necessidade do reconhecimento da alteridade, o que é reforçado por Abdallah-Pretceille: qual seja o alcance da alteridade pelo aprendiz da língua estrangeira.

Les cultures comme les sociétés ne sont pas homogènes. La pluralité et la diversité sont au coeur même de la vie. Sociologues, ethnologues et psychologues ont tous travaillé, selon des modalités appropriées, les processus de différenciation. Ce n'est que par une captation de cet héritage que se sont multipliés les discours réducteurs comme moyen de domination, voire de ségrégation par enfermement de l'individu ou du groupe dans une identité monolithique, réduite à une seule dimension. (ABDALLAH-PRETCEILLE, 1999, p. 21).

O desenvolvimento intelectual do aprendiz, associado aos elementos contidos dentro de uma sociedade diferente da sua, depende do processo de aprendizagem realizado pela ampliação do conhecimento da língua materna agregada à estrangeira, ajustada aos elementos do mundo social que a compõe. Isso produz

uma interculturalidade<sup>4</sup> fomentada na relação do Eu com o Outro. Seguindo a lição de Paulo Freire:

É preciso ser consciente de si mesmo, do seu mundo e da realidade do outro. E para ter essa consciência do seu mundo, é preciso por vezes sair dele e entrar na realidade do outro, pisar seu chão, ver com os olhos do outro." (FREIRE: 1989, p. 43).

Nesses termos, a relação entre língua e cultura, torna-se indissociável à dinâmica da aprendizagem de uma língua estrangeira, de acordo conforme o mencionado anteriormente. Refere-se ao pressuposto de que 'língua e cultura' sigam para além dos aspectos puramente linguísticos, o que inclui a relação de alteridade no processo da aprendizagem.

Essas noções culminam na ênfase da 'cultura' como um paradigma no contexto da globalização, enquanto representação conjuntural e a forma invariável no espaço e no tempo, esta ainda frequentemente abordada em sala de aula. Sua implicação resulta no fato de existir uma realidade a ser enfrentada, "c'est la formation d'une société de masse dans laquelle les mêmes produits matériels et culturels circulent dans des pays de niveaux de vie et de traditions culturelles très variées." (TOURAINÉ, 2005, p. 40).<sup>5</sup> Esse sentido conduz ao entendimento da necessidade de cruzar o linguístico com o cultural, em que visões diferentes de mundo se encontram permeadas pela Alteridade. Isso faz com que a própria noção de alteridade resulte em grande contribuição para a educação, especialmente no contexto da FLE, que tem como ponto de partida um norte derivado de uma perspectiva homogênea, que considera tudo similar, acerca da Europa, de outro continente, de uma comunidade ou mesmo até de um pequeno grupo de pessoas. O que, evidentemente, na teoria aqui aplicada, ao se tratar de interculturalidade, e ao levar-se em consideração a alteridade, rompe-se com o modelo unívoco de pensar as formas de vida e, por conseguinte, a de inserção do sujeito no mundo.

---

<sup>4</sup> Assim como as culturas as sociedades não são homogêneas. A pluralidade e a diversidade estão no centro da vida. Sociólogos, antropólogos e psicólogos trabalharam, segundo modalidades adequadas, os processos de diferenciação. É apenas "por uma captura desse legado que se multiplicaram os discursos redutores como um meio de dominação, e mesmo de segregação por encarceramento do" indivíduo ou do grupo em uma identidade monolítica, reduzida a uma única dimensão. (ABDALLAH-PRETCEILLE, 1999, 21 p.). Tradução do autor.

<sup>5</sup> "é a formação de uma sociedade de massa em que os mesmos produtos materiais e culturais circulam em países de níveis de vida e de tradições culturais muito variadas." (Touraine, 2005, p. 40). Tradução do autor.

Ora, se a alteridade é imprescindível para o desenvolvimento do processo de formação da LE, isso significa que se está construindo sujeitos/aprendizes, livres e autônomos. Essa experiência assume, por excelência, o sentido valorativo da diversidade cultural. Ou seja, trata-se de aceitar que os aprendizes se mostrem autônomos, sem a preocupação de encontrar outro diferente de si, mas ambicionar a procura pela alteridade (GRANGEAT, 1999, p. 8). A questão que se atrela a essa é a de diferença. Mesmo que não seja pressuposto da presente abordagem, importa ressaltar, que na perspectiva da diversidade, como é aqui colocada, a diferença representa um paradigma pluralista. E o pluralismo reflete, justamente, o que se pode entender como diversidade do ponto de vista do lastro para o reconhecimento da alteridade, enquanto reflexo de uma sociedade culturalmente distinta de outra. Isso exige um entendimento concernente à valorização, à propriedade que há em cada cultura, e que deve, no mundo globalizado, romper com o mito da homogeneidade – típica de um processo intracultural. Assim, além do direito a diferença, os sujeitos devem estar conscientes da manutenção e do desenvolvimento de suas características culturais (PERES, 2000, p. 48).

Nessa perspectiva, considerar a existência da diversidade é condição para que se possa trabalhar o processo de inclusão no âmbito da LE, especialmente do FLE, ao se considerar os aspectos do universo diverso corrente nas salas de aula de língua francesa, quer dizer, o mosaico de línguas, culturas, religiões e etnias coexistentes naquele espaço. Assim, o ato de abrir-se ao outro deve ser total, a tornar-se uma verdadeira fonte de hospitalidade. Como diz Derrida (2002, p. 55), o que pressupõe uma *“organisation multipolaire et horizontale de la diversité”*.

Nesse contexto, não se pode deixar de reforçar a questão da diversidade no âmbito das tensões e dos conflitos como resultado do encontro entre os diferentes, ou seja, os fluxos migratórios, cada vez mais intensificados nas relações, reforçam a necessidade de um reconhecimento entre as identidades culturais. Esses fluxos têm criado um mosaico de culturas e línguas na escola a provocar dilemas, o que exige do professor respostas adequadas às diferenças (PERES, 2000, p. 165), a fim de que todos sejam respeitados nos seus modos de existir, e ao mesmo tempo, alcancem os objetivos que se propuseram, a saber, desenvolver a habilidade de se comunicar e interagir, de modo eficaz e apropriado, com pessoas de culturas diferentes daquela já conhecida e apreendida.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Das particularidades existentes nas sociedades plurais, que de início se apresentam como as barreiras a se transpor e que podem representar um problema para as relações, no âmbito da aprendizagem da língua, resulta a possibilidade da promoção de suas transformações. E é justamente esse pluralismo social e de valores, o que permite, diante do conhecimento do outro, originar uma experiência de alteridade.

Para tanto, a alteridade colocada em evidência no processo de aprendizagem representa um componente singular na relação língua/cultura. Tem-se, nesse sentido, o desenvolvimento de relações que partem do pressuposto das diferenças como necessárias. Contudo, torna-se imprescindível o reconhecimento do outro, e é justamente pela via da alteridade que a inserção no 'novo mundo' pode acontecer.

A noção de alteridade, colocada como parte do trabalho em sala de aula, especialmente da FLE vislumbra introduzir o aluno na relação língua/cultura, em que o processo de ensino o remete para uma posição de sujeito inteirado com o mundo do outro. Nesse contexto, o que se pode perceber é que o trabalho, de início, tenta vencer, justamente, a barreira entre as línguas. A interação das múltiplas sociedades existentes é permeada pela tecnologia, seu facilitador, naquilo que elas apresentam, cada uma, como um sistema de vida e de valores diferentes.

Assim, importa, para que o processo de alteridade, como componente vital da aprendizagem aconteça, ressaltar que a literariedade representa uma importante variável desse processo. Tem-se a mais clara evidência disso ao colocar-se em tela a literatura, não a partir de excertos de textos, mas de trabalhos significativos de obras que discorrem acerca da realidade do país. Isso propicia o entendimento acerca do mundo do outro, e mais, a aproximação, o estreitamento da relação: a alteridade.

Finalmente, a construção do processo de alteridade pode ser encarada como uma diretriz no ensino de FLE. Trata-se, então, de um componente necessário, a alteridade, para o pleno sucesso da aprendizagem. Essa diretriz corrobora para que o pluralismo social comungue, de forma mais ampla, com a emergência da inserção do sujeito no mundo.

## REFERÊNCIAS

ABDALLAH-PRETCEILLE, M. (1999). *L'éducation interculturelle*. Paris: PUF.

\_\_\_\_\_. *Quelle école pour quelle intégration?* Paris: Hachette, 1995

BARTHES, Roland. *Elements of Semiology*, 1964. Publ. Hill and Wang, 1968.

DERRIDA, J. *O animal que logo sou*. São Paulo: UNESP, 2002.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: três artigos que se completam*. Autores Associados. Cortez. SP, 1989.

GRANGEAT, M. *A metacognição, um apoio ao trabalho dos alunos*. Porto: Porto Editora, 1999.

LEITE, C. *O multiculturalismo na educação escolar: que estratégias numa mudança curricular?* Inovação. Vol. 9, nº 1 e 2, 1996.

MARIZ, Josilene Pinheiro. *O texto literário em aula de francês língua estrangeira (FLE)*. São Paulo, 2007.

PERES, A. *Educação Intercultural: Utopia ou realidade? – Processos de pensamento dos professores face à diversidade cultural: integração de minorias migrantes na escola (Genebra e Chaves)*. Porto: Profedições, 2000.

ROCHEBOIS, Christianne. *L'impact de la mondialisation sur l'enseignement culturel en FLE*. In: Letr@ Viv@, v. Anual. João Pessoa: Ideia, p. 47-55, 2007.

SERRANI, Silvana. *Discurso e Cultura na Aula de Língua*. Campinas: Pontes, 2005.

TOURAINÉ, A. *Un nouveau paradigme pour comprendre le monde d'aujourd'hui*. Paris : Fayard, 2005.

TOURNIER, M. *La goutte d'or*. Galimard, 1986.